

GILDA DE FREITAS TOMATIS: ASPECTOS DA VIDA PROFISSIONAL E DA PRODUÇÃO DIDÁTICA DE UMA PROFESSORA E AUTORA GAÚCHA

DIETRICH, Mara Denise Neitzke¹; PERES, Eliane²

¹Mestranda em Educação do PPGE/FaE/UFPel – Bolsista Capes - maradietrich@gmail.com

²Orientadora Profª. Drª. do PPGE/FaE/UFPel - etperes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo está sendo desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa HISALES - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - que é ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFPel. O presente estudo visa apresentar aspectos biográficos referentes à formação e a trajetória docente da professora e autora gaúcha Gilda de Freitas Tomatis no intuito de compreender o que a teria motivado a criar a cartilha “Ler a Jato” e o “Método Audiofonográfico” de Alfabetização em 15 horas no Rio Grande do Sul, na década de 1960. Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida como dissertação de Mestrado no PPGE/FaE/UFPel denominada “A cartilha ‘Ler a Jato’ e o ‘Método Audiofonográfico’ de Alfabetização da professora Gilda de Freitas Tomatis”. A pesquisa vincula-se ainda, a um projeto interinstitucional denominado: “*Cartilhas escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais – construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a história da alfabetização e das cartilhas (MG/RS/MT, 1870 – 1996)*”. No Rio Grande do Sul o projeto é coordenado pela Profª Drª Eliane Peres, da FaE/UFPel. O enfoque teórico-metodológico será voltado para as histórias de vida. Os autores utilizados neste trabalho são: de Abrahão (2004), Souza (2006), Lüdke & André (1986), Bogdan & Biklen (1994), Peres (2000), Maciel (2001).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo pode ser caracterizado como uma pesquisa qualitativa, conforme indicam Lüdke & André (1986), e Bogdan & Biklen (1994), com o enfoque metodológico nas histórias de vida, com ênfase na formação e na produção didática, como no caso deste trabalho.

Abrahão (2004, p. 363) ressalta que “resgatar histórias de vida não é recolher objetos ou condutas diferentes, mas assistir ou participar da elaboração de uma memória, que surge do pedido do investigador. Por isso, a história de vida não é só transmissão, mas construção, da qual participa o próprio pesquisador”.

Para Souza (2006), as histórias de vida podem ser narradas a partir de uma diversidade de fontes e procedimentos de coleta de dados, que podem incluir tanto os “documentos pessoais” quanto as “entrevistas biográficas orais ou escritas”. Assim, este estudo apresenta dados sobre a formação e a trajetória docente da professora Gilda e os materiais didáticos por ela produzidos. Essa investigação está sendo realizada a partir dos dados disponibilizados pela filha da professora, que além de ter concedido uma entrevista semi-estruturada na sua residência em Porto Alegre, em outubro de 2010, também doou vários documentos do seu acervo privado para a pesquisa como: fotos, livros, cartilhas,

LPs, certificados, medalhas, além de vários recortes de jornais de diferentes estados brasileiros contendo informações sobre a criação da cartilha “Ler a Jato” e do “Método Audiofonográfico” de Alfabetização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Gilda Carvalho de Freitas nasceu em Uruguaiana em 05 de agosto de 1917, filha dos estancieiros Galileu de Freitas e Dorila Carvalho de Freitas. Teve três irmãs e três irmãos. Tornou-se Gilda de Freitas Tomatis, em 28 de setembro de 1954, ao se casar com Ricardo Tomatis, em Porto Alegre. Com ele teve apenas uma filha, Maria Lúcia de Freitas Tomatis. Segundo a filha, Gilda teve como primeira professora a própria mãe, visto que no lugar onde residiam na época não havia escolas por perto. Com a falta de escolas na região, somada ao desejo de dar continuidade aos estudos, Gilda aos 18 anos mudou-se para a capital, com sua irmã Nice. Em 1935, Gilda estudou no Instituto de Educação em Porto Alegre. Mais tarde, em 1951, estudou no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. cursou o ensino superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), concluindo, em 1956, o curso de Licenciatura em História Natural.

Gilda de Freitas Tomatis exerceu o cargo de Técnica em Educação no Centro de Pesquisa e Orientação Educacionais – CPOE, até o dia 10 de maio de 1966, quando solicitou sua primeira aposentadoria. Segundo Peres (2000, p. 17), o CPOE era um órgão vinculado à Secretaria de Educação do Estado que foi criado em 1943 e que se manteve até a década de 70, como um órgão autônomo de direção, de orientação e de normatização didático-pedagógica. A autora destaca ainda que o CPOE:

teve uma atuação central na difusão do discurso de renovação pedagógica no Rio Grande do Sul e na instauração de novas práticas pedagógicas na escola primária gaúcha. Essas mudanças caracterizaram-se por um esforço em pautar a administração educacional em princípios técnico-científicos. A figura do técnico educacional surgiu, nesse período, com força total. A idéia corrente era a de que a prática educacional deveria estar fortemente ancorada nos princípios da Psicologia Infantil, da Biologia, da Estatística, da Pedagogia Experimental e da Sociologia, principalmente. E a função dos técnicos, profundos conhecedores das ciências auxiliares da Educação, era a de produzir, a partir desses saberes científicos, os quadros de referência para as práticas docentes. O resultado disso seria, nessa visão, a eficiência do/no processo ensino-aprendizagem. (PERES, 2000, p. 124).

Durante o período em que atuou junto ao CPOE, Gilda publicou alguns textos na Revista do Ensino e na Revista Infantil Cacique. O primeiro texto encontrado foi uma história infantil destinada aos leitores da Revista Infantil Cacique datada de 1957, sob o título: “*Uma visita à baleia gigante*”. Já os textos publicados na Revista do Ensino eram específicos relativos à área e a disciplina de Ciências Naturais em que atuava. De acordo com os dados disponibilizados pelo Colégio Estadual Júlio de Castilhos, a professora Gilda lecionou nesta instituição como professora de ensino médio da disciplina de Ciências Físicas e Biológicas durante onze anos, de 1965 quando foi aprovada no concurso público até 1976, quando se afastou da instituição, requerendo sua segunda aposentadoria por motivos de saúde. Além disso, constam nos documentos que ela teria sido professora de “excepcionais”, atendendo-os a domicílio, através de

aulas particulares. Embora não haja evidências claras de que a professora Gilda tenha atuado como alfabetizadora em instituições formais de ensino, os documentos e os relatos da filha confirmam que a professora Gilda alfabetizava crianças, jovens, adultos e os considerados “excepcionais” em sua casa. As fontes indicam que havia uma interação por parte da professora Gilda com os processos de alfabetização, evidenciando que o que a teria levado a criar a cartilha *Ler a Jato* e o método fonético articular, assim definido por ela, em março de 1967, teria sido justamente a experiência de alfabetização que teve no “âmbito doméstico”, a partir das aulas particulares que ministrava em casa para esse público. Aliada a essa questão, havia ainda, por parte da professora Gilda, uma forte e declarada oposição ao método global de contos¹. Em alguns documentos é possível identificar as declarações feitas pela professora sobre a adoção de métodos inadequados, como por exemplo, o método global de contos, que segundo ela, se fossem executados de forma errônea durante o processo de alfabetização, poderia ser um dos fatores que teriam contribuído para que crianças, jovens e adultos fossem considerados analfabetos. Já que esse método, de acordo com a professora se contrapunha às necessidades educacionais dos brasileiros. A escolha do nome da cartilha “*Ler a Jato*” e da proposta de alfabetização é de autoria da própria autora. O método fonético articular visava relacionar e introduzir os fonemas a partir de uma palavra básica. A alfabetização deveria ocorrer em no máximo 15 horas para crianças e adultos, e 30 horas para os “excepcionais”. A cartilha *Ler a Jato* vinha acompanhado de um “Kit” composto por quatro LPs (discos de vinil) denominado: “*Método Audiofonográfico de Alfabetização – Aprenda a Ler em 15 horas*”. Este material reproduzia as lições encontradas na cartilha, dispensando a presença do professor. Destacando-se como um material de auto-instrução. Além destes, a autora ainda produziu outros materiais pedagógicos que complementavam essa proposta, como: o “*Caderno Série a Jato*”, o livro de linguagem “*Escrevendo a Jato 1º e 2º ano*” e o livro de “*Matemática 1º ano*”. Essas propostas consideradas modernas e eficientes eram muito bem recebidas no Brasil nas décadas de 60 e 70, auge da ditadura militar e momento de exacerbação de um discurso desenvolvimentista e nacionalista de “ordem e do progresso”. Considerava-se que um grande país como o Brasil, rico e potente, necessitava de alternativas criativas e modernas para resolver um de seus maiores problemas: o analfabetismo. A criação e divulgação da proposta do *Ler a Jato* não acontecem por acaso nesse período. Para a divulgação o seu material de alfabetização, a autora contou inclusive com o apoio de alguns órgãos da imprensa (falada e escrita) como: o jornal *Folha da Tarde*, a *Rádio Guaíba* e a *TV Piratini*. Além disso, a professora também ministrou cursos e palestras sobre a sua proposta de alfabetização em associações, escolas, universidades e instituições dentro e fora do Estado gaúcho. A filha da autora em sua entrevista, destacou ainda a participação da mãe no programa de televisão da Hebe Camargo, no final da década de 1960, quando teria sido convidada para falar sobre o sucesso do seu método de alfabetização e por ter recebido a “*Medalha do*

¹ De acordo com Maciel (2001, p. 121) o método global de contos tem como principal característica iniciar o processo de alfabetização por textos com sentido completo, por um todo, isto é por frases ligadas pelo sentido, formando um enredo, constituindo uma unidade de leitura. Para atender a essa característica, a historietta ou o conto deveria ser sobre um tema estimulador e de acordo com interesse infantil: vida familiar, brinquedos, aventuras reais e maravilhosas com outras crianças.

Movimento ao Imigrante”, em março de 1968, pelo então, prefeito de Caxias do Sul, em reconhecimento ao seu trabalho e sua contribuição no processo de alfabetização de vários brasileiros na região². Gilda de Freitas Tomatis faleceu no dia 21 de novembro de 1996, em Porto Alegre, onde viveu e construiu sua trajetória profissional. Para Denzin (1984), “as pessoas comuns universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem” (p. 32).

4. CONCLUSÕES

Compreender a trajetória e a formação da professora Gilda é importante, na medida em que permite problematizar os motivos que a teriam levado a criar e a divulgar uma cartilha e um método de alfabetização inusitado e singular para a década de 1960. Considerando que sua formação superior era voltada para as Ciências Naturais e a sua experiência como alfabetizadora ocorreu apenas no “âmbito doméstico”. Acredita-se que além do desejo da professora Gilda em contribuir para a “erradicação do analfabetismo no país” através de um material auto-instrucional, em um período em que o país, no auge da ditadura militar (décadas de 60 e 70) vivencia um momento de exacerbação de um discurso desenvolvimentista e nacionalista de “ordem e do progresso”, ela também almejava ser reconhecida e valorizada no cenário brasileiro como a professora gaúcha, que produziu um material didático considerado inovador e criativo para a época, visto que utilizava de uma tecnologia, como os LPs para obter tal êxito.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **A aventura (auto)biográfica, teoria & empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 201-224.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa** Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.
- DENZIN, N. K. **Interpretando a vida de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner**. Dados, v. 27, n.1, 1984.
- LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Lúcia Casasanta e o método global de contos. Uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais**. 2001, 157f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.
- PERES, Eliane. **Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir. A escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas da escola pública primária gaúcha (1909 – 1959)**. 2000, 485f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: Reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. In: **Revista Educação em Questão**. Vol. 25, n. 11, jan/abr. Natal, RN: EDUFRN, p. 22-39, 2006.

² Não há outros dados que indicam a participação da professora neste programa da TV.